

A VIDA RELIGIOSA FEMININA NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Caroline Jaques Cubas*

RESUMO: As principais bibliografias sobre a vida religiosa feminina no Brasil referem-se ao período colonial. Ainda que a Igreja Católica tenha vivenciado um período de intensas transformações institucionais ao longo do século XX, pouco numerosos são os trabalhos dedicados a pensar as especificidades da vida religiosa feminina neste conturbado contexto. Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar apontamentos bibliográficos através do ensaio de aproximações temáticas, no sentido de possibilitar um olhar historiográfico acerca dos trabalhos que anunciam como objeto de pesquisa a vida religiosa feminina no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Vida Religiosa Feminina. Historiografia. Freiras

WOMEN RELIGIOUS LIFE IN BRAZIL DURING THE SECOND HALF OF THE TWENTIETH CENTURY: A HISTORIOGRAPHICAL REVIEW.

ABSTRACT: The major bibliographies on women's religious life in Brazil refer to the colonial period. Though the Catholic Church has experienced a period of intense institutional transformations over the twentieth century, are not numerous works devoted to thinking about the specifics of women's religious life in this troubled context. In this sense, the aim of this paper is to present a bibliographic enrollment in order to allow a historiographical approach about the work that advertise as a research object the women's religious life in Brazil.

KEYWORDS: Women Religious Life. Historiography. Nuns

* Professora do Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Mestre e Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Este trabalho contou com o apoio e a colaboração da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq. E-mail: caroljcubas@gmail.com. Artigo submetido em 14/07/2014 e aceito para publicação em 30/12/2014.

A segunda metade do século XX foi palco de importantes transformações que afetaram profundamente a Igreja Católica como instituição. Dentre estas transformações, as mais visíveis são comumente relacionadas a realização do Concílio Vaticano II (seja percebendo-as como consequências diretas ou como elementos de motivação). Inaugurado pelo Papa João XXIII no início dos anos 1960, com o objetivo declarado de renovação pastoral, o Concílio foi alvo de críticas e desavenças dentro da própria Igreja. Sua convocação pode ser considerada como um divisor de águas em relação às transformações nas formas de autocompreensão e de inserção social da Igreja Católica. Apesar de considerarmos o Concílio em seu valor simbólico, uma vez que muito mais que engendrar modificações, acreditamos que o mesmo foi convocado para sancioná-las e oficializá-las, é ponto pacífico o fato de que as quatro reuniões realizadas entre 1962 e 1965 delimitaram e legitimaram uma nova forma de ser católico, definindo diferentes parâmetros de vida religiosa, direcionada a partir de então à atuação junto à sociedade. Tal adequação soava necessária para que a Igreja fosse capaz de salvaguardar seu lugar, o qual vinha sendo ameaçado pelas sedutoras promessas de uma modernidade iminente. A contemplação e a noção de *fuga mundi*, que implicava em uma separação do mundo, característica daqueles e daquelas que optavam pela vida religiosa, deveria ser repensada, afinal a Igreja, a partir de então, direcionou sua atuação para junto da sociedade, do Povo de Deus.¹⁰⁹

Entre as formas de atuação propostas, situamos a vida em inserção que, de forma genérica, consistia em abandonar os muros do convento e viver em pequenas comunidades, em contato direto com o povo. Essa proposta, porém, não obteve aceitação unânime ou absolutamente pacífica.

Apesar das desavenças, um considerável número de religiosos e religiosas assumiram a vida inserida e o trabalho em comunidades. Segundo Maria José Rosado-Nunes, referindo-se as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, as religiosas foram não somente as mais numerosas (...), "mas também, a qualquer outro fator que se possa compará-las, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades" (ROSADO-NUNES, 1997, p.504). Essa nova forma de vivenciar a vida religiosa, através da atuação nas pequenas comunidades inseridas e nas CEBs tornaram muito mais nítidas as desigualdades sociais, de classe e gênero que assolavam diferentes regiões do país. Nesse sentido, iniciaram-se trabalhos de conscientização no interior dessas comunidades. A proximidade com os

¹⁰⁹ O conceito de "Povo de Deus" foi elaborado durante o Concílio e se refere a todos os batizados e a hierarquia clerical.

problemas concernentes às classes populares fez com que muitas irmãs assumissem como seus os mesmos problemas, dessa forma, a tensão política e social dos anos de ditadura não passou despercebida. Segundo Lowy, um setor significativo da Igreja – tanto fiéis, como clero – na América Latina, "mudou de posição na área de lutas sociais, passando, com seus recursos materiais e espirituais, para o lado dos pobres e de sua luta por uma sociedade nova" (LOWY, 2000, p.12).

As transformações institucionais da Igreja Católica e a atuação de seus membros em relação aos aspectos políticos e sociais que emergiram com força na segunda metade do século XX foram amplamente abordadas em trabalhos historiográficos, especialmente no que tange às possibilidades de inserção social, à conformação da Teologia da Libertação e à participação de bispos e padres em movimentos de resistência e oposição à ditadura militar instaurada no Brasil a partir de 1964. Estes trabalhos, em termos gerais, apresentam narrativas constituídas a partir de análises e observações da participação de religiosos homens nos movimentos acima referenciados. Em relação às religiosas, porém, raramente encontramos reflexões que demonstrem consistentemente as ações de freiras ou mesmo as especificidades da vida religiosa feminina. São conhecidos casos como os de Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Pedro Casaldáglia, Dom Hélder Câmara (apelidado de “bispo vermelho”) e Dom Marcelo Pinto Carvalheira (que sentiu no corpo a ação coerciva do regime militar) entre tantos outros. Sobre as religiosas, no entanto, faltam-nos os casos exemplares.

Nesse sentido, constatamos um hiato no que se refere aos trabalhos destinados a abordar a participação das religiosas, das mulheres que, institucionalmente atreladas a religião, participaram ativamente destas transformações ocorridas ao longo da segunda metade do século XX. A constatação destes silêncios em relação às mulheres da Igreja reportou-nos ao consistente trabalho de Uta Ranke-Heinemann, para quem a "história do cristianismo é quase a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas de seus direitos" (RANKE-HEINEMANN, 1999, p.140). Tal percepção levou-nos à exaustiva busca por trabalhos que nos auxiliassem a pensar as especificidades da vida religiosa feminina na segunda metade do século XX. Se, conforme afirmou Rosado-Nunes, as religiosas participaram ativamente das CEBs e das comunidades inseridas, é curioso encontrarmos tão poucas referências ao trabalho desempenhado pelas mesmas.

Apesar da relativa quantidade de trabalhos abordando freiras e a vida religiosa feminina na Idade Média e no Renascimento, estes são pouco numerosos quando tratamos do século XX. Maria José Rosado Nunes apresentou constatação semelhante quando, referindo-se

às religiosas afirmou que dificilmente análises sociológicas ou históricas, obras teológicas tomam em consideração esse enorme contingente de mulheres (ROSADO-NUNES, 1984, p.134). Ainda que o texto de Rosado-Nunes tenha sido publicado em 1984, a quantidade de trabalhos especificamente sobre a vida religiosa feminina e, em especial, que possibilitem a percepção das freiras enquanto sujeitos dotados de agência, com possibilidades de reflexão e ação para além das normas perpetradas pela pertença a uma congregação religiosa, continua ínfima.

A percepção desta ausência levou-nos a construção do arrolamento aqui apresentado. Nossas reflexões baseiam-se metodologicamente em pesquisas realizadas em bancos de dados de universidades diversas, bibliotecas virtuais e, sobretudo, referências citadas nos próprios trabalhos consultados. Além disso, é importante ressaltar que dedicamo-nos exclusivamente aos trabalhos que anunciam explicitamente a vida religiosa feminina como objeto de estudo. Sabemos, porém, que muitos outros abordam o tema indiretamente ao propor uma discussão mais ampla sobre religiosos, de maneira geral ou, conforme pontuamos anteriormente, ressaltam superficialmente a participação de freiras como coadjuvantes em determinados processos político-sociais (como, por exemplo, a resistência ao regime militar brasileiro). Tais análises gerais escapam aos nossos interesses, na medida em que nosso foco está direcionado justamente para os trabalhos que propõem a vida religiosa feminina como objeto e não como referência transversal.

A respeito dos trabalhos que tratam diretamente da vida religiosa feminina, é importante um último apontamento prévio. Nossa busca bibliográfica foi incitada especialmente pela curiosidade em encontrar referências às freiras católicas e suas possibilidades de atuação como sujeito. Nossa perspectiva ancora-se na compreensão de que os sujeitos devem ser compreendidos como plurais e multifacetados, cujas identidades são constituídas por identificações diversas. Neste sentido, nossa motivação foi ao mesmo tempo nossa maior dificuldade, uma vez que procuramos, nem sempre com sucesso, a possibilidade de percepção das freiras para além de uma pertença institucional e congregacional.

Não obstante a escassez de trabalhos que contemplassem nossa preocupação primeira, conseguimos mapear três eixos de pesquisas que têm a vida religiosa feminina como objeto direto de estudo. É importante afirmar que esses eixos não condensam a totalidade de trabalhos existentes, uma vez que tal esforço resultaria em afirmações imprudentes e, certamente, equivocadas. Acreditamos que este esforço bibliográfico seja útil no sentido de situar as fragilidades e, ao mesmo tempo, a necessidade de trabalhos de pesquisa

direcionados à reflexão sobre vida religiosa feminina no Brasil, durante a segunda metade do século XX. O levantamento bibliográfico que aqui apresentamos conta com um total de 30 trabalhos, os quais dividimos imperativamente em três eixos específicos: 1- Irmandades e Congregações; 2 - Educação; 3 - Envolvimentos sociais.

O primeiro eixo de trabalhos que tratam da vida religiosa feminina referem-se à história de irmandades e congregações específicas. Ainda que tenham por objeto principal o estudo de instituições, auxiliam-nos a melhor compreender elementos cotidianos e especificidades da vida religiosa feminina. Tais trabalhos tem o mérito de, ao propor discussões sobre as ordens e congregações, ressaltar a participação efetiva de freiras enquanto sujeitos. Dos dezoito trabalhos categorizados neste eixo, encontramos cinco teses de doutorado, oito dissertações de mestrado, um relatório de pesquisa e quatro livros/coletâneas de artigos. Entre as cinco teses encontradas, apenas uma direciona-se à reflexão sobre a vida religiosa feminina em clausura. Esta é, coincidentemente, a única desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em História. Além desta, duas foram defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação, uma no âmbito das Ciências Sociais e uma nas Ciências da Religião. Das oito dissertações de mestrado, duas apenas referem-se à clausura, sendo uma defendida na área das Ciências da Religião e a outra na Antropologia. Das seis restantes, uma foi finalizada na área da Enfermagem, duas nas Ciências Sociais e três em Programas de História.

O segundo eixo de trabalhos, absolutamente majoritário, é composto por trabalhos que tratam de colégios e educandários católicos e que referenciam indiretamente o trabalho das freiras e congregações religiosas femininas responsáveis por estas instituições. Ainda que nosso arrolamento tenha sido composto, além dos trabalhos de Riolando Azzi e Ivan a Manoel, por duas teses defendidas na área da Educação e três dissertações - duas na Educação e uma nas Ciências da Religião, é importante pontuar que Paula Leonardi (2008), ao pesquisar o estabelecimento de duas congregações femininas francesas no Brasil, apresenta um amplo levantamento de trabalhos dedicados a pensar a educação em instituições educacionais católicas mantidas por congregações religiosas femininas. Estes, todavia, não se relacionam aos objetivos imediatos de nosso trabalho. Vale ressaltar que os trabalhos encontrados foram produzidos majoritariamente na área da Educação. Fato que evidencia a ausência de uma quantidade significativa de reflexões sobre a vida religiosa feminina durante o século XX no campo da História.

Menos numerosos, porém extremamente significativos para as reflexões aqui propostas, são os trabalhos que apresentam articulações entre vida religiosa feminina e envolvimento político e/ou social. Neste eixo situamos a produção de Maria José F. Rosado Nunes e Maria Valéria Rezende sobre a vida religiosa feminina.

Irmadades e Congregações

O primeiro eixo é composto por trabalhos pouco numerosos (em comparação a quantidade de trabalhos que abordam a atuação de bispos e padres na segunda metade do século XX), que elegem a vida religiosa feminina como objeto de estudo. Conforme o próprio tema que os aglutina anuncia, tais trabalhos referem-se às instituições e/ou a história de determinadas congregações, e não particularmente a história de uma ou mais irmãs que fazem parte destas instituições. Ainda assim, auxiliam-nos em nossa reflexão na medida em que não abordam as congregações de uma forma generalista, mas possibilitam, através da escolha das fontes ou da problematização sugerida, a percepção da heterogeneidade nestas instituições.

Este é um dos objetivos e uma das grandes contribuições do trabalho de Paula Bernardi. Na tese *Além dos Espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil*, a autora assume a preocupação em escrever uma história na qual as irmãs não estejam ausentes. Elege como objeto de estudo duas congregações francesas: as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário e as Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux e busca "compreender o funcionamento interno e a estrutura dessas Congregações, bem como as mudanças em suas orientações e imagens em três períodos diferentes - em suas fundações na França, em sua vinda para o Brasil, e na fundação de seus colégios na década de 1950" (LEONARDI, 2008, p.12). Ao estudá-las, a autora aborda tais congregações não de uma forma linear e oficial, mas investiga as biografias das irmãs que vivenciaram os respectivos períodos. Para tanto, sua proposta é observar, através de fontes inéditas e originais, as congregações religiosas a partir de fontes produzidas pelas próprias irmãs, desde relatórios oficiais até cartas de cunho pessoal. Tal perspectiva é bastante original na medida em que inverte um olhar recorrente (ainda que historiograficamente limitado), que seria o de observar as congregações a partir de documentos oficiais e, através de tais narrativas, perceber as irmãs como membros de um corpo homogêneo. Leonardi, ao contrário, elege fontes que possibilitam observar os elementos que eram mais presentes e constantes na vida das irmãs. Nas palavras da autora

"trata-se, portanto, de focar a análise sobre os discursos internos que estruturam, constroem as práticas e, ao mesmo tempo, são reconstruídos por elas" (2008. p. 31).

Outro estudo que referenciamos por tratar especificamente de freiras no século XX é a dissertação de mestrado de Miriam Verri Garcia, "Liberdade em Clausura: trajetórias pessoais e religiosas de monjas carmelitas descalças". Neste, a autora identifica, assim como Paula Bernardi, uma escassez em produções acadêmicas acerca da vida religiosa feminina. Apesar da existência de inúmeras publicações de cunho teológico, seu objeto conta com uma dificuldade a mais, por se tratar da vida religiosa feminina na clausura (Garcia, 2006). Garcia, neste sentido, teve como referência direta a dissertação "O Reino de Solidão", um estudo etnográfico realizado com Carmelitas Descalças em 1995 e de autoria de Débora Diniz (DINIZ, 1995). Garcia, em sua dissertação, busca identificar, através de entrevistas realizadas com freiras enclausuradas, os elementos que motivam, na contemporaneidade, a busca pela vida em clausura. Uma interessante constatação realizada pela autora diz respeito à opção pela vida enclausurada encarada pelas monjas como um exercício de liberdade. Isto porque a opção por este modo de vida seria fruto exclusivamente da vontade das monjas e não de uma imposição social. Tal liberdade é, no entanto, ambivalente na medida em que a opção pela vida em clausura implica justamente na abdicação de liberdades em função das regras do Carmelo.

Monjas em clausura é também o objeto de pesquisa de Wilma Bueno. Na tese de doutoramento "Enamoradas do Sagrado: Monjas do Mosteiro do Encontro (1964-1999)" a autora preocupa-se em identificar "o significado da vida contemplativa das monjas (...), desvelando as relações que elas estabeleceram com Igreja, (...) buscou-se compreender em que medida a vida monástica feminina conservou as tradições de seu fundador, estabeleceu estratégias e diálogos para interagir com a sociedade contemporânea" (BUENO, 2008, p. 14). Com este objetivo imerge no mundo monástico medieval, relendo as fontes relacionadas às regras de Bento de Núrsia (480-547) e a ordem beneditina, a partir de uma perspectiva de gênero. Buscou em acervos que sempre falaram do masculino, as ausências e as percepções sobre o feminino. Ao descrever a vida das monjas na contemporaneidade, Bueno recorre, entre outras fontes, às crônicas da Ordem. Ainda que a autora dedique-se prioritariamente à história da congregação e ao processo de instalação da mesma no Paraná, algumas passagens possibilitam-nos perceber que, apesar das determinações congregacionais, as irmãs tinham impressões bastante pessoais a respeito do período político e do que significava um país sob o julgo de um governo militar.

"Recomposição da Vida Religiosa: Estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas" de Martina Maria Eudosia González Garcia é também importante referência na medida em que sua abordagem parte da análise de religiosas vinculadas a congregações que passaram ou passam pelo processo de inserção nos meios populares. Segundo a autora:

em poucas décadas, a VR feminina no Brasil passou de um estilo de vida arcaico e fortemente institucionalizado para um processo de renovação, moderno, canalizado principalmente pelo discurso e prática da opção pelos pobres em torno das CEBS. Com a mudança da conjuntura social e eclesial, a VR feminina volta a confrontar-se consigo mesma (GARCIA, 2006, p.11).

Perante esta constatação, além de questionar os meandros do processo de recomposição da vida religiosa feminina como um projeto comum, busca perceber em que medida elementos da modernidade, como a emergência do indivíduo e a democratização de estruturas são assimilados e se promovem modificações na vida em comunidade. O estudo de Garcia, assim como os outros aqui citados, sinaliza para uma ausência de estudos sobre a vida religiosa feminina em âmbito acadêmico e no campo dos estudos específicos sobre a mulher.

Importante referenciar também a tese de doutorado de Maria Aparecida Custódio sobre as Filhas da Imaculada Conceição, que posteriormente passaram a chamar-se Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Em "Artes de Fazer de uma congregação católica: uma leitura ceiteusiana da formação e trajetória das filhas da Imaculada Conceição (1890-1909)" a autora busca as práticas cotidianas relacionadas ao contexto sócio-cultural do período com o objetivo de narrar a história das Filhas da Imaculada Conceição através da trajetória de formação da própria congregação. Ainda que o recorte temporal do trabalho aborde apenas a primeira década do século XX, a análise vem ao encontro de nosso interesse, na medida em que o objeto é uma congregação religiosa feminina. Segundo a autora, a contribuição de seu trabalho é enfatizar "as operações das irmãs relacionadas ao seu próprio processo de educação e àquele que ministraram às meninas, no entanto, superando a abordagem que recorre à história de freiras apenas como pano de fundo para o estudo de suas instituições ou práticas educacionais" (CUSTÓDIO, 2011, p. 14).

Custódio busca, portanto, contribuir para o acervo de histórias de congregações femininas, dada a pouca quantidade de estudos acadêmicos sobre o assunto, também percebida pela autora. Para tanto, ela ancora-se em outras produções (acadêmicas e institucionais) sobre a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, mesmo que em períodos distintos. Entre os textos citados encontramos a dissertação "A Congregação das

Irmãzinhas da Imaculada Conceição e sua ação em Santa Catarina e no Brasil (1895-1975)" de Ramon Antonio Tridapalli. Nesta, o autor propõe aquilo que Custódio caracteriza como uma "análise da atuação global da congregação desde 1895, ano de aprovação do instituto, até 1975, cobrindo os principais eventos históricos" (2011, p.12). O autor apresenta, desse modo, uma história institucional da congregação, descrevendo questões organizacionais, biografias e feitos de superiores e, acontecimentos históricos gerais desde a fundação da congregação até o ano de 1975. Além do trabalho de Tridapalli, a dissertação "O corpo habituado: sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província Nossa Senhora de Lourdes, 1960 – 1990)", de Caroline Jaques Cubas, defendido na Universidade Federal de Santa Catarina em 2007, também é citado na tese de Custódio. Neste, apresentou-se, através pelos pressupostos da História Cultural, uma análise do processo de formação religiosa na referida congregação, desde o momento de reconhecimento da vocação até a profissão dos votos, considerando a complexidade imposta por um contexto bastante eferescente (Vaticano II e emergência da Teologia da Libertação). Vale pontuar que este trabalho anuncia a percepção das freiras enquanto sujeitos conformados por identificações múltiplas na medida em que as análises dos processos formativos foram construídas a partir de cartas pessoais, diários e entrevistas. Nestas, questões étnicas e sociais são apontadas como elementos definidores das atitudes das irmãs entrevistadas ao longo de suas vidas congregacionais. (CUBAS, 2007).

As transformações implementadas pelo Concílio Vaticano II e sua proposta de aproximação entre leigos e clero motivou também o trabalho de Maria de Lourdes Gascho. Em "Catequistas Franciscanas: uma antecipação do *aggiornamento* em Santa Catarina (1915-1965)", a autora apresenta a congregação escolhida, ressaltando a inovação implementada pelas irmãs que, antes mesmo das determinações conciliares, atuaram de forma bastante próxima às comunidades nas quais se inseriam (GASCHO, 1998). Sendo assim, ela direciona sua análise à história da congregação uma vez que o contexto de seu surgimento auxilia a compreender o direcionamento dado ao trabalho das irmãs. Ao falar especificamente sobre as Catequistas Franciscanas, pontua a opção original em construir vida no meio da comunidade e descreve esta opção, demonstrando-a através de uma operacionalização do cotidiano, englobando a paisagem, cronologia e normas de funcionamento da instituição. É neste cotidiano das Catequistas que Gascho percebe uma antecipação ao *aggiornamento* proposto pela Igreja durante as reuniões do Concílio Vaticano II. Como fontes, a autora dispôs do acervo existente no próprio Arquivo Histórico da congregação, ou seja, crônicas, atas,

relatórios, boletins, cartas e depoimentos. O trabalho é bastante instigante e lembra-nos da necessidade constante de romper com uma lógica única e linear ao trabalharmos com diferentes congregações religiosas femininas.

A atitude inovadora, em certa medida, de uma congregação religiosa feminina é descrita também em "Tecendo Memórias, gestando futuro: história das irmãs negras e indígenas Missionárias de Jesus Crucificado". Nesta obra, dividida em três partes, encontramos artigos direcionados à reflexão acadêmica sobre a história das Missionárias de Jesus Crucificado, a primeira congregação brasileira a permitir a entrada de jovens negras e indígenas, ainda que de forma bastante desigual (BEOZZO, 2009). Apenas as brancas tinham direito a serem coristas e realizarem trabalhos externos, delegando às negras e indígenas as tarefas domésticas e trabalhos manuais. A obra, além de descrever o processo de fundação do instituto, das mudanças vividas durante o período conciliar e da inserção em Comunidades Eclesiais de Base, apresenta cartas, testemunhos, registros e gráficos concernentes à história da congregação.

Estudo bastante singular sobre a vida religiosa feminina é apresentado por Robson Dias de Assis na dissertação "Freiras ou Judias? Congregação Nossa Senhora de Sion em Sergipe" (ASSIS, 2012). O autor propõe uma discussão identitária ao perceber o entrecruzamento de elementos do cristianismo e do judaísmo nas práticas cotidianas e religiosas das irmãs. Para esse objetivo, além de analisar a congregação nas décadas de 1960 e 1980 a partir dos documentos produzidos internamente, Assis elabora uma síntese sobre a constituição histórica da congregação, sua implantação em Sergipe, na década de 1960, os fatores condicionantes desta instalação e como se configurava o campo religioso regional no período proposto. É interessante pontuar que, para compor sua análise identitária, o autor é bastante atento às práticas cotidianas e, para tanto, descreve com pormenores as relações estabelecidas entre as freiras, a comunidade e as autoridades políticas da região.

O forte interesse por elementos da vida religiosa feminina pode ser percebido ainda nos trabalhos de Silvia Regina Alves Fernandes. Em "Vinho Novo em Odres Velhos? Uma Análise da Vida religiosa Feminina na Modernidade Contemporânea" a autora se propõe a refletir acerca das relações entre tradição e modernidade na vida religiosa feminina e percebe, ao longo de seu estudo, uma série de tensões entre a tentativa de manutenção de determinadas tradições e o avanço de novos modelos para a vida religiosa feminina (FERNANDES, 1999). Já na tese "Ser padre para ser santo; Ser freira para servir: a construção social da vocação religiosa – uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de

Janeiro", Fernandes se direciona ao ingresso vocacional na atualidade. Com esse intuito, constrói uma análise comparada de rapazes e moças, suas motivações, trajetórias pessoais e representações sobre a Igreja ao optar pela vida consagrada. Refere-se, assim como os demais autores e autoras aqui citados, ao restrito número de trabalhos acadêmicos que abordam a vida religiosa em suas especificidades e, no caso da vida religiosa feminina, sugere o fato de as mulheres não participarem da hierarquia da igreja como possibilidade explicativa de tal escassez (FERNANDES, 2004).

Mesmo que não se insira na área de ciências humanas e sociais, o trabalho de Claudia Aparecida Aguiar de Araujo chamado "Auto-exame de mamas entre freiras: o toque que faltava" chama-nos a atenção na medida em que, além de eleger freiras como objeto de pesquisa, parte para uma abordagem qualitativa realizada através de entrevistas. Através dessas, procura perceber especificidades do processo de formação religiosa tanto em congregações de vida ativa quanto em congregações contemplativas, para estabelecer relações entre religião e corporeidade, uma vez que seu intuito é conhecer a difusão dos métodos de prevenção do câncer de mama e a forma como as freiras se relacionam com estes em diferentes comunidades. A autora referencia trabalhos das áreas de humanas e sociais uma vez que percebe estreitas relações entre corporeidade e cultura (ARAUJO, 2003).

Ainda no que se refere aos trabalhos direcionados especificamente para a vida religiosa feminina, abordando congregações, irmandades ou elementos característicos da vida consagrada, não podemos deixar de referenciar os trabalhos de Mirian Pillar Grossi e Riolando Azzi, uma vez que, apesar de suas diferentes abordagens, são citados na maioria dos trabalhos acima elencados.

Miriam Grossi, em "Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina" analisa, em Santa Catarina, os elementos que compõe a vocação religiosa feminina considerando a categoria de gênero. Preocupa-se em analisar a vocação como uma construção simbólica, perpassada pelas condições sociais das famílias de onde provinham as moças (normalmente da zona rural) e pelas necessidades institucionais na Igreja. Assim, relações familiares, condições sociais e culturais, possibilidades de emancipação e, obviamente, a fé característica do grande montante de imigrantes e descendentes de imigrantes italianos que vivem no Estado foram entrecruzados na tentativa de compreender os elementos motivadores para a vinculação a uma congregação religiosa feminina. Além disso, Grossi dedica grande parte do ensaio à construção social da identidade de freira ressaltando as fases específicas da formação religiosa e de que forma, ao longo deste processo, ocorre o aprendizado de valores

característicos da vida religiosa tais como a obediência, trabalho e dedicação. A autora ressalta também os diversos rituais existentes desde o início do processo de formação até a confirmação dos votos. Ainda que tenha sido escrito em fins dos anos de 1980, os argumentos apresentados são bastante profícuos na medida em que a motivação para a entrada na vida religiosa feminina nunca é explicada através de um único motivo. Ademais, essas etapas de formação e mesmo o processo de incorporação de trejeitos podem ser observados ainda hoje. O trabalho de Grossi é de suma importância quando nos dedicamos a pensar a vida religiosa feminina, uma vez que ele nos auxilia a desnaturalizar uma série de elementos que atribuímos, por vezes de forma irrefletida ao “jeito de freira” (GROSSI, 1990).

A contribuição de Riolando Azzi não se refere apenas ao estudo da vida religiosa feminina, mas da vida religiosa e da Igreja no Brasil, de uma forma geral. Sobre freiras e congregações femininas, o autor dedicou diversos textos em publicações lançadas especialmente ao longo da década de 1980, em sua grande maioria pelo CEHILA – Comissão para o Estudo da História da Igreja na América Latina e no Caribe. Tais publicações apresentam levantamentos contundentes sobre a história de congregações femininas no Brasil (AZZI, 1986). Seus estudos são importantes na medida em que ressaltam as características e especificidades de cada instituto, não no que diz respeito apenas à cronologia histórica, mas ao carisma, à espiritualidade típica de cada um deles. Como os estudos foram promovidos pelo CEHILA¹¹⁰, encontramos nos textos a preocupação em articular a presença dos religiosos ao trabalho junto à população. Os religiosos e religiosas são pensados sempre a partir da função e da relação que estabelecem com a comunidade dentro da qual se instalam. A história das congregações, construída cronologicamente nos textos de Azzi, é considerada sempre a partir do contexto sócio-econômico, político e cultural.

Outro elemento que devemos referenciar é o fato de que, nos dois livros organizados por Riolando Azzi (um deles contando com a participação de José Oscar Beozzo) e direcionados de forma mais ampla à vida religiosa no Brasil, encontramos sempre a presença de textos abordando consistentemente a vida religiosa feminina. Em “Os Religiosos no Brasil”, Azzi é também autor de quatro dos nove capítulos que compõem a obra. Destes, dois são dedicados exclusivamente a congregações e irmandades femininas (Congregação das

¹¹⁰ A Comissão para o Estudo da História da Igreja na América Latina e no Caribe – CEHILA – é uma instituição direcionada aos estudos históricos e sociais sobre a vida religiosa na América Latina e no Caribe. Em termos metodológicos, alinha-se ao abandono da tentativa de neutralidade na prática historiográfica e busca escrever a história a partir do *povo crente e oprimido*, conforme a linha da Teologia da Libertação.

Irmãzinhas da Imaculada Conceição e Filhas de Maria Auxiliadora), um trata de congregação masculina (Redentoristas) e o último de congregação mista (Dominicanos e Dominicanas). Vale pontuar que esta obra conta também com um capítulo sobre a vida religiosa consagrada no protestantismo de autoria de Martin Dreher, que aborda especialmente a participação das mulheres na difusão das obras e um último capítulo escrito por Maria José Fonteles Rosado Nunes, dedicado exclusivamente à reflexão sobre as "práticas político-religiosas das congregações femininas no Brasil", expressão esta que dá título ao capítulo (AZZI, 1986). Em "Vida Religiosa no Brasil", dos oito capítulos apresentados, três são exclusivamente sobre a vida religiosa feminina. O primeiro deles, de autoria de Riolando Azzi e Maria Valéria Rezende, aborda a vida religiosa feminina no período colonial (AZZI, 1983). O segundo, de Eduardo Hoonart, trata do Recolhimento da Glória, no Recife, e apresenta uma breve discussão sobre a vida religiosa feminina após o Concílio Vaticano II. O terceiro, escrito por José Santos, apresenta a primeira fundação religiosa feminina na Amazônia, sob a responsabilidade das irmãs Clarissas, fundada já no século XX. No mais, a obra apresenta ainda uma discussão sobre a situação das ordens e congregações masculinas e femininas no Brasil a partir de dados do censo; um artigo com dados gerais sobre a instalação dos religiosos no Brasil; um ensaio sobre ultramontanismo, sem referir-se diretamente a ordens ou congregações; e dois capítulos que tratam de ordens masculinas (franciscanos e beneditinos). Vale citar ainda a obra "A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana", organizada por Maria Luíza Marcílio. Nesta obra abrangente encontramos inúmeras discussões sobre as relações entre a Igreja e o local destinado à mulher na instituição, seja teologicamente, seja através de trabalhos pastorais ou mesmo das possibilidades de participação como leigas. Questões concernentes à sexualidade e ao feminismo também são contempladas (MARCÍLIO, 1984). No entanto, interessam-nos, objetivamente, dois artigos. Um deles, escrito por Riolando Azzi, trata da participação da mulher na vida da Igreja. Ainda que o texto de Azzi abranja o período que vai de 1870 a 1920, ou seja, apenas as duas primeiras décadas do século XX, o autor ajuda a compreender, através das tarefas e dos direcionamentos assumidos pelas religiosas neste período, o caráter de novidade atribuído às comunidades inseridas a partir dos anos 1960. O outro artigo, sobre religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil, de autoria de Maria José Fonteles Rosado Nunes, será discutido adiante.

Conforme pudemos observar, os trabalhos que anunciam como objetivo principal a problematização da vida religiosa feminina referem-se majoritariamente a um estudo de irmandades e congregações femininas. Ainda que tais estudos possam ser caracterizados pela

originalidade das fontes e abordagens que tratam (através de percursos e metodologias diferenciadas), a percepção das religiosas enquanto sujeitos, suas experiências e possibilidades de ação não são, desta forma, explícitas. Todavia, ao tratarem da história destas congregações, da forma como se instalaram no Brasil ou assumiram determinadas funções sociais, possibilitam-nos perceber, ainda que muitas vezes de forma tênue, que estas congregações devem ser consideradas para além de suas características gerais, na medida em que são formadas por mulheres e que, desta forma, a história destas congregações acaba sendo profundamente marcada pelas ações e iniciativas destas mesmas mulheres, para além de determinações de cunho oficial.

Freiras na Educação

Muito mais abundantes são as produções na área da Educação que, ao tratarem de colégios ou educandários católicos, referem-se superficialmente às freiras ou congregações responsáveis pelas instituições. A existência da considerável bibliografia sobre o assunto pode ser compreendida através das próprias funções desempenhadas pelas irmãs no Brasil até meados do século XX. Paula Leonardi, já citada, ao pesquisar o estabelecimento de duas congregações femininas francesas no Brasil, contesta a visão homogeneizante de que as congregações femininas estrangeiras instaladas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX tinham na educação da burguesia sua atividade quase que exclusiva (LEONARDI, 2008). O cuidado dos doentes, assumido pelas Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux em 1908 e a direção de um asilo pela Congregação Nossa Senhora do Calvário apontam para outras funções desempenhadas pelas religiosas em solo brasileiro. Tal constatação é bastante importante no sentido de ressaltar as especificidades de cada instituto. Ainda assim, não podemos desconsiderar que a maior parte das congregações femininas acabava, de alguma forma, concentrando-se na educação¹¹¹. Segundo dados estatísticos apresentados por Leonardi, grande parte das congregações femininas estrangeiras que se instalaram no Brasil entre 1849 e 1912 eram de origem francesa e italiana, sendo que das 16 congregações femininas francesas que se instalaram no período citado, 14 dedicaram-se prioritariamente à

¹¹¹Vale assinalar que em outubro de 2013 aconteceu na Unicamp, o I colóquio Internacional “Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional”. Mesmo não se referindo exclusivamente às congregações femininas, é importante referendar o evento no sentido de demarcar o interesse acadêmico pela temática. Disponível em <http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/coloquio-congregacoes-catolicas.pdf>. Acesso em 21/11/2013.

educação.¹¹² A este respeito, Azzi afirma que, já na década de 1850 se instalaram os primeiros colégios femininos e que estes constituíram de fato, a principal forma de atuação das religiosas neste período (AZZI, 1984). Isso porque "a maioria das congregações européia já se dedicava anteriormente a esse tipo de atividade" e, além de constituir uma das metas do episcopado brasileiro a partir de 1890 – devido à separação entre Igreja e Estado –, "a fundação de escolas passou a constituir o modo principal de se prover o sustento econômico das novas fundações religiosas" (AZZI, 1984). Em "A Igreja e o Menor na História Social Brasileira", Azzi ressalta ao longo de todos os capítulos, a participação de freiras, irmandades e congregações femininas na direção e organização de instituições educativas, desde o período colonial até a República, durante o século XX (AZZI, 1992).

Algumas das relações pontuadas por Azzi foram discutidas e aprofundadas por Ivan A. Manoel em "Igreja e Educação Feminina". O autor escolheu as Irmãs de São José de Chambery e seus colégios, que formaram a primeira rede escolar feminina católica no Brasil, para analisar as relações entre a educação feminina ministrada nos colégios das irmãs e a manutenção da estrutura conservadora e oligárquica, a qual imperava naquele contexto específico (MANUEL, 1996).

Ainda que o trabalho de Manuel seja amplamente citado nos estudos sobre educação católica feminina, existe uma rede bastante ampla de produções consagradas à mesma temática. Não nos aprofundaremos aqui na análise e descrição das obras, uma vez que a grande maioria delas não se relaciona diretamente ao nosso objetivo. Todavia, ao amplo levantamento realizado por Paula Leonardi acrescentaremos alguns trabalhos que em função do contexto abordado ou de alguma passagem ou personagem, que auxiliam, direta ou indiretamente, nossa reflexão.

O trabalho educativo de irmãs inseridas em vilas operárias na zona carbonífera de Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 1980 é o tema norteador da tese "Entre o Hábito e o Carvão: Pedagogias Missionárias no Sul de Santa Catarina na Segunda Metade do Século XX", de Giani Rabelo. A autora trabalha a atuação de três congregações religiosas femininas nas vilas operárias carboníferas e, para tanto, dedica um significativo espaço à apresentação dessas congregações e ao significado de seus trabalhos educativos naquele contexto (RABELO, 2007). Ao tratar dos trabalhos educativos, Rabelo possibilita-nos a observação da participação efetiva do trabalho desempenhado por irmãs, assim como suas reflexões pessoais acerca destes mesmos trabalhos desempenhados. Tais percepções, ainda que não sejam o objetivo

¹¹²Conferir os gráficos e a análise apresentada por Leonardi (2008).

principal do trabalho, são possibilitadas pelo coerente uso de entrevistas realizadas pela autora com algumas das freiras que vivenciaram o processo.

O contexto político é também o elemento que desperta forte interesse no trabalho "Migração e Escolarização: História de Instituições Escolares de Tangará da Serra – Mato Grosso – Brasil (1964-1976)" de Carlos Edinei de Oliveira. Ao falar sobre o trabalho educativo de irmãs em Tangará da Serra, o autor apresenta o inusitado caso da irmã Myriam Hansel e das lideranças políticas locais em tempos de ditadura militar. Seu posicionamento e envolvimento comunitário foram tomados por partidarismo político e tal fato ocasionou sua transferência do Mato Grosso para o Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2009).

A dissertação "Entre documentos e narrativas, marcas de identidade: A organização dos Centros de Desenvolvimento Infantil pelas religiosas da Fraternidade Esperança", de Clarice Bianchezzi é bastante relevante na medida em que aborda uma ruptura. Na década de 1970, em meio à difusão da Teologia da Libertação e da pedagogia de Paulo Freire, um grupo de irmãs da Divina Providência assumiu o trabalho em inserção e envolveu-se de forma tão intensa que o processo gerou conflitos e teve como desfecho o rompimento com a Congregação e a fundação da "Fraternidade Esperança". Uma das riquezas deste trabalho fundamenta-se, assim como Giani Rabelo, na utilização de entrevistas as quais possibilitam-nos perceber a atuação das freiras, seus posicionamentos pessoais, suas verdades e, em algumas passagens, sua radicalidade. (BIANCHEZZI, 2009).

Relações diretas com o Regime Militar Brasileiro são encontradas na dissertação "Regime Militar, Resistência e Formação de Professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964-1980)" de Eustáquio Donizeti de Paula. A dissertação fala do trabalho de irmãs dominicanas na instituição e aborda as modificações inseridas no cotidiano da faculdade a partir do Regime Militar. Não apenas modificações cotidianas, mas o conteúdo ministrado nas aulas, as liberdades de algumas irmãs cercadas a partir de 1964 e as relações entre política e prática educativa são analisadas pelo autor (PAULA, 2007). O cerceamento de liberdades imposto pelo regime militar, em uma unidade educativa, é contemplado também na dissertação "Mulheres Contra o Arbítrio: As Missionárias de Jesus Crucificado e a Escola de Serviço Social Padre Anchieta em Maceió em Tempos de AI5", de Maria Jeane dos Santos Alves. Neste, encontramos a história da escola, um levantamento histórico a respeito da presença das Missionárias de Jesus Crucificado em Alagoas e as relações estabelecidas entre a escola e o regime militar. ao falar destas relações, a

autora apresenta-nos inusitadas passagens a respeito de freiras, como a irmã Madre Zelly, diretora da instituição, que acolhia alunos perseguidos pela repressão. (ALVES, 2008).

Freiras e Envolvimentos Sociais

O livro "Vida Religiosa nos Meios Populares", de Rosado Nunes, publicado em 1985 apresenta questões extremamente originais e desafiadoras tanto para pesquisadores quanto para as mulheres que se dedicam/dedicavam à vida consagrada. Isso porque, através de ampla pesquisa documental e entrevistas, a autora problematizou os significados e implicações da vida inserida como modelo de vida religiosa (ROSADO-NUNES, 1985). Tal questão era extremamente complexa na medida em que este modelo colocava em xeque inúmeras prerrogativas que, durante séculos, atribuíam sentido à vida religiosa (como o uso do hábito religioso e a disciplina em relação aos horários). A vida inserida, seguindo prerrogativas do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação, impossibilitava determinadas práticas e, por isso, não era aceita de forma homogênea. Rosado Nunes capta tal atmosfera e a analisa não apenas nas suas consequências para a vida prática das irmãs, mas compreende e apresenta meandros do processo, inserindo-o no contexto eclesial da época. Vale pontuar ainda que, além da originalidade do objeto, a autora coteja discussões sobre a vida religiosa feminina, gênero e feminismo, na medida em que, entre os temas abordados, questiona os atributos considerados naturalmente femininos e a forma como esses são reafirmados em determinadas imagens atribuídas às freiras, como "a boazinha, a paciente e aquela que tudo aceita" (ROSADO-NUNES, 1985, p. 261). A obra se divide em duas partes: Vida Religiosa Tradicional e Vida religiosa nos Meios Populares. Na primeira, Nunes apresenta o modelo de cristandade implementado no Brasil e a forma como a vida religiosa feminina foi, durante os períodos Colonial e Imperial, adequada a este modelo. Analisa também a crise que começa a se esboçar especialmente a partir da década de 1950, quando a Igreja passa a inserir-se em um modelo desenvolvimentista e surgem movimentos (Ação Popular, JUC) reivindicando um maior compromisso social a ser assumido pela Igreja. Neste contexto, percebem-se as primeiras mudanças estruturais na vida religiosa a qual, a partir do Concílio Vaticano II, passa a ser regida por motes como o *aggiornamento* e a renovação.

A segunda parte do livro é dedicada à vida religiosa feminina nos meios populares. Nesta, a autora demonstra em detalhes como elementos desta opção foram ressignificados durante a constituição de um novo modelo. Os votos, a oração e mesmo espiritualidade

passaram por um processo de inovação criativa, ou seja, pela "alteração da justificativa que o grupo dá de sua razão de ser. Esta, segundo a autora, já vinha se desenvolvendo desde a etapa anterior, com substancial modificação da postura católica frente ao mundo" (1985. p. 126). Esta nova prática é descrita na obra em detalhes entre os quais ressaltamos aqui a significação político-social a ela atribuída. Além disso, Rosado-Nunes dedica o último capítulo da obra a uma discussão sobre o lugar das mulheres-religiosas na Igreja e na sociedade, pontuando desde papéis tradicionais até a ruptura deste em alguns depoimentos alinhados com ideias que poderiam ser facilmente caracterizadas como feministas. Maria José Rosado F. Nunes assina também um artigo no livro já referenciado "A mulher pobre na História da Igreja Latino-Americana", anteriormente citado. O artigo, intitulado "As religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil", apresenta uma caracterização do processo de transformação da vida religiosa feminina direcionada aos meios populares e aborda de forma bastante contundente a questão da condição feminina, considerando tanto a relação que as religiosas estabelecem com elas mesmas, quanto aquela estabelecida com outras mulheres leigas.

"A Vida Rompendo Muros: Carisma e Instituição", de Maria Valéria Vasconcelos Rezende, após uma longa digressão acerca da vida religiosa feminina desde os primórdios da Igreja, quando não haviam comunidades institucionalizadas, passando por comunidades surgidas na Idade Média (a partir das quais discute a imposição dos votos e da clausura) e chegando a vida conventual no Brasil, apresenta uma importante reflexão sobre a tensão existente entre as exigências do mundo monástico e as da vida em inserção através do estudo de Pequenas Comunidades Inseridas (PCIs) (REZENDE, 1999). As PCIs, segundo Rezende, eram pequenos grupos de freiras (formados por 3 a 5 mulheres) que abandonavam o estilo de vida conventual e passavam a residir em bairros pobres, dedicando-se especialmente à "convivência com os pobres, entendida em si mesma como intervenção evangelizadora e a trabalhos de educação informal e de pastoral popular" (1999, p.1). A autora cita que em 1981 existiam 122 dessas comunidades nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Alagoas. A dissertação, que tem como principais objetivos a compreensão das relações de poder que atravessam a história e existência das PCIs e a percepção dos sentidos atribuídos e legitimadores da vida em inserção, divide-se em quatro capítulos. Ao analisar o surgimento e organização de pequenas comunidades inseridas no Nordeste, a autora elabora uma contextualização sobre o impacto do Concílio Vaticano II e os outros fatores que motivaram transformações na estrutura e atuação da VRF. Apresenta a participação de freiras em movimentos de mudança social, afirmando que algumas dessas comunidades atuavam com a

perspectiva de promoção de lutas políticas e sociais. É importante ressaltar que o trabalho de Rezende é o primeiro a estabelecer, ainda que de forma bastante breve, uma relação direta entre o trabalho social desenvolvido por irmãs e a resistência política à ditadura militar instaurada a partir de 1964.

Dada a escassez de trabalhos que abordam diretamente a relação entre vida religiosa feminina e a ditadura militar brasileira, referenciaremos ainda dois trabalhos: O primeiro deles é o de conclusão de curso apresentado em 2010 por Priscila Carboneri de Sena. Em "Fé e Prática: Mulheres Católicas na Resistência às Ditaduras no Brasil e Paraguai", a autora parte da prerrogativa de que "é possível afirmar que as mulheres católicas desempenharam papéis importantíssimos na contestação do status quo existente no período das Ditaduras Militares" e, ainda que não se refira exclusivamente à freiras, discute os casos da Maurina Borges da Silveira e Maria Valéria Rezende como representativos do envolvimento de religiosas durante o período em questão (SENA, 2010, p. 62).

Clarice Bianchezzi também indica a aproximação entre vida religiosa feminina e ditadura militar no artigo "Dom Afonso Niehues: memórias da rede de proteção aos perseguidos pelo regime militar em Santa Catarina". Ao longo do texto, a autora disserta sobre a figura de Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis de 1967 até 1991. Ainda que tenha sido conhecido como conservador, Bianchezzi apresenta dados e relatos que indicam a atuação de dom Afonso na proteção e acobertamento de presos políticos durante o regime militar. Segundo Bianchezzi, existia na arquidiocese de Florianópolis, uma organização de proteção da qual participavam religiosas, dentre as quais cita a irmã Flávia Bruxel, das Irmãs da Divina Providência (BIANCHEZZI, 2012).

Apontamentos finais

O arrolamento historiográfico aqui apresentado permite-nos perceber a carência de trabalhos que se direcionam a pensar a vida religiosa feminina a partir da chave das agências articuladas pelas próprias religiosas enquanto sujeitos. Ainda que este artigo tenha apresentado um número considerável de trabalhos acadêmicos, é importante ressaltar que tal número torna-se ínfimo perante a abrangência de pesquisas que tratam a vida religiosa de forma geral e abordam majoritariamente institutos masculinos. Além disso, dentre os que tratam efetivamente da vida religiosa feminina, é evidente a escassez de análises que problematizem histórias de freiras, e não de congregações.

Tal observação torna-se manifesta quando restringimos nossas pesquisas ao campo da História. Neste aspecto, existem alguns elementos que podem ser ressaltados a partir da

leitura dos trabalhos aqui apresentados. A opção em abordar a história de uma congregação religiosa aloca-se dentro de um campo que vem incontestavelmente ganhando representatividade historiográfica: A história das religiões e religiosidades (Hermann, 1997, p. 497). Esta, subdividida em uma amplitude de campos de interesses, congrega inúmeros trabalhos dedicados a pensar ordens e congregações. Tais trabalhos dedicam-se muitas vezes a apresentar, através da narrativa histórica, as especificidades de determinadas congregações. É importante, desta maneira, ressaltar que muitos dos trabalhos citados não trataram especificamente de religiosas como sujeitos não por uma fraqueza teórica, mas simplesmente porque não foi a isso que se propuseram. Tal constatação, por outro lado, impõe-nos a conclusão de que poucos são os trabalhos que se dispõem a apresentar as freiras em suas idiossincrasias, ressaltando elementos de suas experiências ou mesmo possibilidades de contravenção, para além de determinações institucionais. Tais percepções são possibilitadas, especialmente, pelos trabalhos que estabelecem relações entre a vida religiosa feminina e o envolvimento social. É importante ressaltar também que, em relação aos trabalhos produzidos particularmente no campo da história, a percepção da religiosa como sujeito multifacetado é possibilitada por opções teóricas e metodológicas específicas. Além de um efetivo alinhamento ao que conhecemos como História Social e História Social da Cultura, dentre os trabalhos citados, aqueles que mais fortemente possibilitaram-nos a percepção das religiosas para além das determinações de suas ordens ou congregações foram aqueles amparados pela metodologia da história oral e/ou pela utilização de entrevistas como fontes históricas na medida em que estas permitem uma percepção para além daquilo que encontramos em fontes oficiais e relatos institucionais.

Falar sobre a vida religiosa feminina no Brasil, significa trazer a tona personagens que, enclausuradas em pesados hábitos ou contadas pelos homens da Igreja foram, durante séculos, relegadas à papéis secundários na escrita da história. Sua participação nas mudanças institucionais e político-sociais ocorridas durante a segunda metade do século XX apresentam-nos sujeitos carregados de complexidade, sendo que estas ações não podem, conseqüentemente, ser interpretadas unicamente pela chave da obediência e da submissão. Nesse sentido, perante a análise de trabalhos acadêmicos que se propõem a pensar a vida religiosa feminina no século XX, urge a necessidade de desenvolvimento de trabalhos que tratem das religiosas como sujeitos, observando suas agências, complexidades e contribuições para além de suas ordens e congregações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Maria Jeane dos Santos. *Mulheres Contra o Arbítrio: As Missionárias de Jesus Crucificado e a Escola de Serviço Social Padre Anchieta em Maceió em Tempos de AI5*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco.

ARAÚJO, Claudia Aparecida Aguiar de. *Auto-exame de mamas entre freiras: o toque que faltava*. 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos - São Paulo.

ASSIS, Robson Dias de. *Freiras ou Judias? Congregação Nossa Senhora de Sion em Sergipe*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.

AZZI, Riolando (org). *A Vida Religiosa no Brasil: Enfoques Históricos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. *A Igreja e o Menor na História Social Brasileira*. São Paulo: CEHILA: Paulinas, 1992.

_____. & BEOZZO, José Oscar (orgs). *Os Religiosos no Brasil: Enfoques Históricos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

BEOZZO, José Oscar (et alli). *Tecendo memórias, gestando futuro: história das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado (MJC)*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BIANCHEZZI, Clarice. *Entre documentos e narrativas, marcas de identidade: a organização dos Centros de Desenvolvimento Infantil pelas religiosas da Fraternidade Esperança*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *Dom Afonso Nihues: memórias da rede de proteção aos perseguidos pelo regime militar em Santa Catarina*. In: *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*. V.3, n.2, julho-dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/1216> Acesso realizado em 15/06/2013.

BUENO, Wilma. *Enamoradas do Silêncio: Monjas do Mosteiro do Encontro (1964-1999)*. 2008. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CUBAS, Caroline Jaques. *O corpo habituado: sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província Nossa Senhora de Lourdes, 1960 – 1990)*. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida. *Artes de fazer de uma congregação católica: uma leitura certeusiana da formação e trajetória das Filhas da Imaculada Conceição (1890-1909)*. 2011. 254f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

_____. *Da constituição de uma congregação feminina nordestina: análise de uma possível consequência sociorreligiosa da Rebelião do Alto Alegre – Maranhão*. *Revista Internacional d'Humanitats*, Ano XVI, n. 29, set.-dez. 2013.

DINIZ, Daniela. *O Reino da Solidão: uma etnografia da vida em clausura das monjas Carmelitas Descalças*. 1995. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Universidade de Brasília.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Vinho novo em odres velhos?* Uma análise da vida religiosa feminina na modernidade contemporânea. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

_____. *Ser padre pra ser santo; Ser freira pra servir: a construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro.* 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

GARCIA, Martnina Maria Eudósia. *Recomposição da Vida Religiosa: Estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas.* 2006. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

GARCIA, Miriam Verri. *Liberdade em Clausura: trajetórias pessoais e religiosas de monjas carmelitas descalças.* 2006. 145f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo

GASCHO, Maria de Loudes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do *aggiornamento* em Santa Catarina (1915-1965).* 1998. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

GROSSI, Mirian Pillar. *Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Cadernos de Pesquisa.* Fundação Carlos Chagas, n. 73, maio de 1990.

LEONARDI, Paula. *Além dos Espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações francesas no Brasil.* 2008. 269f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação). USP. São Paulo.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.* Petrópolis: Vozes, 2000.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana.* São Paulo: Paulinas, 1984.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. *Migração e Escolarização: História de Instituições Escolares de Tangará da Serra, Mato Grosso – Brasil (1964-1976).* 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. Uberlândia - MG

PAULA, Eustáquio Donizeti de. *Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba-MG (1964-1980).* 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Uberaba. Uberaba - MG

RABELO, Giani. *Entre o Hábito e o Carvão: Pedagogias Missionárias no Sul de Santa Catarina na Segunda Metade do Século XX.* 2007. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS. Porto Alegre.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus.* Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1999.

REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. *A Vida Rompendo Muros: Carisma e Instituição – As pequenas comunidades religiosas femininas inseridas no meio popular no Nordeste.* 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

ROSADO-NUNES, Maria José F. *Vida Religiosa nos Meios Populares.* Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *As religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil.* MARCÍLIO, Maria Luiza (org.) *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana.* São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

SENA, Priscila Carboneri de. *Fé e Prática: Mulheres Católicas na Resistência às Ditaduras no Brasil e Paraguai*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

TRIDAPALLI, Ramon Antonio. *A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e a sua ação em Santa Catarina e no Brasil (1895-1975)*. 1984. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.